

RESENHA

MORAIS, Clodomir Santos. **Cenários da libertação: Paulo Freire na prisão, no exílio e na universidade.** Porto Velho, RO: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2009, 262p.

KEIM, Ernesto Jacob

Universidade Regional de Blumenau

ernestojacobk@gmail.com

Sou um freiriano que luta para manter as idéias desse mestre em permanente processo de evolução e ampliação. Muitas vezes essa postura me faz sentir a sensação de estar de forma quixotesca lutando contra exércitos invisíveis, apesar de sentir suas estocadas quando, na academia sou menosprezado e atacado pela gana positivista do rigor ao método hegemônico que esteriliza e mantém o ambiente asséptico contra qualquer “vírus” que desestabilize a mesmice estabelecida e instalada.

Esse livro, organizado em 12 cenários (capítulos) vem como munição para armarmos nossas trincheiras no sentido de facilitar o papel primordial da educação, diferente do ensino, de sair da defesa e partir para a insurreição amorosa e contundente proposta por esse grande brasileiro amado e odiado.

Amado por ter oferecido meios para se perceber como, pela educação de forma criticamente engajada por uma consciência determinada a enfrentar e superar a ingenuidade e a alienação. Tenho claro que esses dois elementos, ingenuidade e alienação se constituem em força motriz da educação convencional tão bem apelidada como “Educação Bancária”.

Bela metáfora, por meio da qual denuncia o sistema financeiro que estabelece os rumos do modelo civilizatório no qual estamos imersos, acumula lucros sem nada produzir, assim como a escola alienante, que fortalece a tradição de submissão e cada vez menos produz algo que transforme as condições que geram miséria e marginalização. Educação Bancária que sustenta uma organização social que nega

as diferenças de classe tratando a todos como se fossem iguais, apesar de saber que uns são mais iguais que outros, de tal forma que os “esfarrapados do mundo” sejam considerados como menos iguais e por isso podem ser mais explorados. Na escola os miseráveis recebem tratamento miserável, mas suficientemente adequado para minimizar e anestesiar a miséria cuidando para que não deixem de ser alienados e submissos. Sociedade bancária na qual os meios financeiros ao dominarem os diferentes poderes que a constituem, estabelecem as regras com que o mercado deve influenciar e gerir a sociedade, da mesma forma que as escolas estabelecem gotas articuladas de conhecimentos para que a massa se iluda de que estejam se “tornando alguém na vida”. Essa ilusão de ser alguém na vida propagada e mantida pela sociedade opressora conta com a escola que unifica a todos conforme um modelo idealizado e desconsidera que cada pessoa é única, insubstituível e imprescindível desde que nasce, fazendo-os passar por suas câmaras, retortas e fornos que promovem a alquimia que configura a sociedade apática e medrosa na qual estamos mergulhados. Civilização bancária na qual os meios financeiros mantenedores e gestores do modelo civilizatório oriundo da cultura romana apoiada na rapina e na expropriação violenta e na cultura grega segregacionista e prescritiva apoiada em normas de violência, escravidão e preconceitos tiranos se confirmam e se consolidam com os meios de comunicação de massa, controlados pelos que detêm esse poder e impedem que as pessoas tenham consciência de sua condição de seres com humanidade roubada, e por isso impedidos de debater essa condição e de perceber que sua omissão e apatia, se constituem em formas que alimentam esse processo.

Esses pontos por si só justificam a importância do debate promovido por essa obra, que é um relato de quem esteve junto e compartilhou a vida de Paulo como companheiro atento e presente em muitos momentos importantes e cruciais até o final da vida. Essa amizade relatada nessa obra certamente contribuirá para que o leitor jovem saiba o que e como ocorreu e os leitores mais adultos se recordem do que ocorreu, constituindo essa leitura em motivação para perceber que a omissão e a apatia se constituem em formas que alimentam o processo tirano e opressor, que tornam as pessoas cada vez mais impotentes e retraídas para gerar reações de resistência que possibilitem a insurreição para a libertação que se mostre como resgate e revitalização da dignidade.

No sentido de alterar essa realidade é que seu livro chega em boa hora. Mostra num primeiro momento algo que jamais deve ser esquecido, ou seja, a que nível é capaz a bestialidade humana para manter-se no poder. Por isso esse livro pode ser comparado a uma viagem eclética e complexa que mostra como primeiro cenário visões do “Inferno de Dante”. Esses relatos assustam ao leitor desavisado que espera encontrar um manual de pedagogia ou de educação e encontra relatos de tortura expressos com a “Justa Raiva” proposta por Freire, para que as dores não sejam esquecidas jamais, e se caracterizem como possibilidade de romper com o sofrimento afim de mobilizar a consciência para direcionar ações voltadas para a libertação por meio de insurreição compreendida como ações fraternas e amorosas de resgate e recuperação da humanidade vilipendiada em cada um no processo de opressão. As atrocidades relatadas mostram que é papel da educação sair da zona confortável da constatação e da identificação geradoras muitas vezes de resistências heróicas mas incapazes de gerar mudanças no cenário que desumaniza e desfigura a humanidade.

O Inferno de Dante, é relevante como abertura dessa obra, para que as gerações atuais, que se dão conta e não sabem que esses fatos ali relatados ocorreram há tão pouco tempo. Essas informações lhes são sonegadas, por que os meios de comunicação negam essas lembranças e as escolas desconsideram esses fatos como algo importante a ser tratado em seus manuais.

Mergulhamos no segundo cenário que nos revolta pelo sofrimento relatado, mas nos mostra a trajetória daqueles que resolveram se impor ao estabelecido. Esse cenário fortalece a necessidade de debater a realidade para investigar as formas pelas quais as pessoas transformam, pela consciência crítica, a dor em movimento de libertação, tendo como base a realidade como se apresenta, sem esperar que algo ideal se mostre como referencial para iniciar as ações de mudança. Ele nos mostra e principalmente mostra ao leitor jovem as ligas camponesas com seus ícones como Gregório Bezerra e de forma magistral nos relata como e onde Guimarães Rosa aprendeu o dialeto dos ribeirinhos do São Francisco com o qual escreveu sua obra prima. Nesse segundo cenário, a obra nos apresenta um Paulo Freire romântico e sempre apaixonado pela sua inesquecível e amada ELZA, a quem essa obra rende uma justa e merecida homenagem, que nos devolve a

amadíssima e queridíssima ELZA sempre e verdadeira esposa e suporte em todas as horas desse que hoje temos como referência para nossa lide educativa.

No terceiro cenário nos envolvemos com a vida no exílio e como ali os ideais se maximizam e se caracterizam em formas de ação. Esse relato trouxe à lembrança o Prof. Celetin Freinet que num campo de concentração durante a segunda guerra mundial, organizou algo parecido com uma escola, dizendo que os que estavam enfrentando o inimigo sabiam lutar e guerrear e os que estavam imobilizados como prisioneiros deveriam se preparar para atuar como governantes quando os guerreiros terminassem suas ações de libertação. Um exílio “é uma espécie de prisão por fora, no qual sempre se sentirá sem liberdade” (pag. 87). É a sabedoria de uma mãe que sofre e se orgulha pelas peripécias de seus rebentos, sabendo que a vida não é um riacho calmo e tranqüilo, mas a vida é um rio caudaloso com corredeiras, remansos e cachoeiras por onde é inevitável passar para chegar ao grande oceano onde os idéias de todos os rios confluem para gerar algo que poderíamos chamar de acervo constituinte da humanidade planetária.

Esse terceiro cenário, trás inúmeras organizações, muitas delas caídas no esquecimento mas de inestimável valor histórico que estão à espera de que os historiadores que contam a história da educação brasileira se dignem a resgatar juntamente com suas lideranças das quais ressalto a dimensão da obra de Álvaro Vieira Pinto que contribuiu vivamente para a construção das bases teóricas do que se constituiu no pensamento freiriano e ressalto também o sábio e persistente Anísio Teixeira com quem Paulo se aconselhou e se apoiou como também o polêmico Darcy Ribeiro que não podem ser esquecidos. Esses heróis que lutaram com a bandeira da dignidade humana e da valorização da pessoa em sua integridade e integralidade certamente terão no futuro o reconhecimento da marca que deixaram como nichos de resistência à torrente avassaladora de mediocridade promovida pela “malvadeza neoliberal” que denigre a educação nacional. Esse cenário se encerra com a revelação surpreendente de que Paulo Freire apesar de estar na Europa, morando em Genebra por contra da Organização Mundial de Igrejas representantes de confessionalidades protestantes e evangélicas, tinha acesso privilegiado ao Papa Paulo VI e aos cardeais para quem fazia longos debates, nos recintos do Vaticano, sobre o que significa libertação e opressão.

O quarto cenário nos mostra como se deu o processo de aprendizagem de Freire ao se confrontar com diferentes intelectuais exilados no México que forneceram subsídios para que ele ampliasse sua visão de mundo e se fortalecesse na convicção de que o analfabetismo deveria ser encarado como um processo por meio do qual cada pessoa promove uma inserção em seu contexto social e cultural para, se desejar, incluir em suas possibilidades de relações a decodificação do código escrito. Nesses encontros Freire se tornou amigo do Padre Ivan Illich conhecido em função da crítica que formulou contra a forma como a escola se organiza para promover educação alienante e massificadora (p. 112), exposta em seu livro *Sociedade Sem Escolas*. Freire com essa relação aprofundou o debate sobre o que diferencia educação de ensino e ampliou sua convicção de que por meio da educação, organizada a partir de círculos de cultura que integram e promovem as diferentes culturas e saberes, seria um meio para ampliar a historicização como meio para confrontar a postura de tudo naturalizar e então exercer a função de recuperar nos oprimidos a humanidade que lhes fora roubada. Dessa forma a educação deixa de ser agente de reprodução social e se coloca como elemento capaz de animar o permanente processo individual e coletivo de libertação.

O quinto cenário remete o leitor a uma época, provavelmente esquecida ou da qual a juventude atual não tenha sequer ouvido falar, que foi a revolução sandinista por meio da qual foi derrotada uma sangrenta ditadura capitalista que submetia a Nicarágua a um sistema conturbado de exploração e miséria. Nesse cenário o leitor tem oportunidade de se inteirar da importância da consciência de classes para entender como se dá a organização da população e de como promover o enfrentamento para a autonomia e a libertação.

Assim, de forma bastante didática e clara são apresentadas na obra cinco tendências de integração das massas que conta com: a tendência tradicional que é a mais simples e ingênua, apoiada principalmente na cooperação fraterna sem grandes envolvimento de diferentes poderes e forças como se dão, por exemplo, os mutirões; a tendência revolucionária de caráter insurrecional, que implica na conscientização das forças e poderes das diferentes classes culminando em confrontos geradores de mudanças nas bases das relações; a tendência evolucionista de caráter político ou crítico se dá na forma das relações de forças nas

quais os mais fortes favorecem melhores condições de vida sem alterar substancialmente os poderes de mando, mantendo de certa forma um clima de atendimento às necessidades para reduzir as diferenças entre dois pólos como ricos e pobres e entre latifundiários e sem terra, por exemplo; a tendência reformista encabeçada pela “democracia cristã” com base principalmente na igreja católica tem sua atuação junto a sindicatos e cooperativas, buscando consensos e articulações que mantêm as formas convencionais de dominação e submissão em nome da paz e da ordem, conforme a posição mais conservadora ou mais progressista que estiver imperando e a quinta tendência apresentada é a liberacionista que tem como foco um processo articulado por elementos e aspectos advindos dos três anteriormente citados que tem como meta desencadear processo de consciência das forças e poderes que atuam nas lutas de classe para promover meios e processos de superação dos poderes estabelecidos para buscar uma nova configuração para a organização da sociedade no que se refere a forças e poderes.

Os sexto e sétimo cenários nos apresentam um exemplo de pleno sucesso para a erradicação do analfabetismo, quando ele é uma reivindicação da população a ser atingida.

O oitavo cenário oferece um conjunto de casos muito interessantes relatados por Clodomir em suas andanças pela Alemanha Oriental onde atuou como professor universitário, onde Paulo e sua pedagogia eram muito conhecidos e debatidos.

Os nono e décimo cenários trás uma denúncia no mínimo surpreendente pela forma debochada com que relata o desfecho quase simultâneo das ditaduras militares dos países do cone sul das Américas e com a derrocada “milagrosa” da inflação galopante promovida por uma visita da esposa do presidente dos EUA senhora Carter. Essa senhora reuniu os generais e mostrou que veio “desmanchar tudo” para por ordem no “natural quintal” conforme seu marido havia ordenado para manter os poderes que se dissipavam.

O décimo primeiro cenário relata o retorno dos exilados ao Brasil e mostra de forma jocosa a forma como a “burrucracia” foi enfrentada magistralmente por Rubem Alves e mostra a lamentável forma como se deu a luta pelo poder entre os que ficaram e as novas lideranças políticas que de certa forma desprezaram os que retornavam.

O décimo segundo cenário traz na íntegra a última conferência proferida por Freire, quarenta dias antes de sua morte na Universidade Federal de Rondônia a convite do Clodomir. Esse texto tem o sabor de algo maravilhoso pois é o Paulo falando para jovens sobre seu último livro Pedagogia da Autonomia, que foi escrito de forma muito corajosa algumas semanas antes quando estava com seus estado de saúde muito abalado.

Esse livro é um monumento que pode ser criticado por alguns por não ter um direcionamento objetivo e linear, mas para outros é um depoimento de alguém que esteve junto em momentos de prazer e dor e que nos mostra um Paulo Freire vivo em carne e osso que ri e chora, que desafia o mundo e morre mas não fica morto pois a cada dia mais pessoas o descobrem e promovem seu ressurgimento como um desafio aos reacionários inimigos do povo que querem transformar a academia num local frio, linear, objetivo, mascarado e absolutamente alienado e coisificado.

Clodomir estou muito grato por trazer o Paulo de volta de forma tão humana.

Por essas palavras, é que recomendo a leitura desse livro como obrigatória a todos que estiverem engajados e mesmo sensibilizados para fazer da educação um agente de emancipação da vida e de resgate da função da educação como meio que se insurge contra a mesmice e a manutenção da ordem que aliena e do progresso que escraviza.